

RIXA NO ANFITEATRO DE POMPÉIA: O RELATO DE TÁCITO E OS GRAFITES PARIETAIS

*Renata Senna Garraffoni**
resenna93@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo visa explorar diferentes aspectos da rixa de torcedores que ocorreu no anfiteatro de Pompéia em 59 d.C. Para tanto, optamos por selecionar duas categorias documentais distintas: o relato de Tácito e os grafites parietais escritos por populares em Pompéia. A seguir, propomos uma tradução para essa documentação e comentamos o contexto social e político em que ocorreu o conflito.

PALAVRAS-CHAVE: grafites, Tácito, Pompéia, gladiadores, anfiteatro.

INTRODUÇÃO

No ano de 59 d.C., na cidade de Pompéia, colônia romana situada ao sul da Península Itálica e soterrada pelo Vesúvio em 79 d.C., ocorreu uma violenta rixa de torcedores que assistiam aos combates de gladiadores. Embora muitos estudiosos afirmem que este evento foi uma exceção, já que há poucos registros de desavenças em espetáculos públicos romanos,¹ o desentendimento em Pompéia foi registrado de diferentes maneiras.

Entre tais relatos, o mais conhecido é a descrição que Tácito faz do acontecimento. Por ser um texto de um importante historiador da Antiguidade, seus comentários tradicionalmente são empregados como uma descrição dos eventos, enquanto outros relatos, como a pintura parietal ou os grafites, são pouco estudados.

Diante dessa situação, optamos por comentar duas categorias documentais distintas, o texto de Tácito e os grafites populares escritos nas paredes de Pompéia, e contrapô-las com o intuito de produzir outras interpretações acerca da desavença.² Apresentaremos, a seguir, uma proposta de tradução dessa documentação e alguns comentários acerca do contexto social em que ocorreu o embate.

* Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná.

TÁCITO, *ANAIS*, XIV, 17

Membro da elite romana, Tácito escreveu um breve relato dos acontecimentos em Pompéia em uma das suas mais importantes obras, os *Anais*. Datada entre o final do século I e início do II d.C., essa obra de Tácito narra a história de Roma desde os últimos anos de Augusto até a morte de Nero. Com um estilo de escrita que mescla concisão, rapidez e vivacidade com descrições permeadas por drama, piedade e ira, Tácito deixou-nos um registro das décadas iniciais do Império, em que, muitas vezes, expressa sua tristeza e sarcasmo com a política do período. Esse estilo levou alguns estudiosos a afirmar que os relatos de Tácito apresentam uma imagem de decadência da sociedade romana, pautada em uma forte ênfase na moral.

Como o episódio ocorreu no ano 59 d.C., sua descrição encontra-se entre as narrativas da história de Roma, durante o principado de Nero. Leiamos suas palavras:

Sub idem tempus leui initio atrox caedes orta inter Nucerinis Pompeianosque gladiatorio spectaculo, quod Liuineius Regulus, quem motum senatu rettuli, edebat. Quippe oppidana lasciua in uicem incessentes proba, dein saxa, postremo ferrum sumpsere, ualidior Pompeianorum plebe, apud quos spectaculum edebatur. Ergo deportati sunt in urbem multi e Nucerinis trunco per uulnera corpore ac plerique liberorum aut parentum mortes deflebant. Cuius rei iudicum princeps senatui, senatus consulibus permisit. Et rursus re ad patres relata, prohibiti publice in decem annos eius modi coetu Pompeiani collegiaque, quae contra leges instituerant, dissoluta; Liuineius et qui alii seditionem conciuerant exilio multati sunt.³ [Naquela mesma época, um episódio corriqueiro deu início a uma medonha matança entre os colonos de Nucéria e Pompéia, em um espetáculo de gladiador, organizado por Livíneo Regulo, aquele cuja remoção do Senado já tinha sido anunciada. Assim, em uma troca de injúrias, certamente mau costume de cidade pequena, tomaram, em seguida, pedras e depois pegaram espadas, prevalecendo o povo de Pompéia, local onde o espetáculo era exibido. Em consequência, muitos dos nucerinos mutilados e com feridas no corpo foram transportados para Roma, enquanto muitos choravam a morte dos filhos e pais. O imperador permitiu o julgamento desses eventos ao Senado, o Senado aos cônsules. E, tendo o caso sido relatado, outra vez, diante dos pares, proibiram-se, por dez anos, reuniões públicas como esta e dissolveram-se os colegiados pompeianos que se estabeleceram contra as leis. Livíneo e os outros que incitaram a discórdia foram condenados ao exílio].

O pequeno trecho em que Tácito narra a rixa dos torcedores expressa bem o estilo dramático de escrita a que nos referimos há pouco. Termos como o adjetivo *atrox, ocis* (medonho, sinistro, temeroso, funesto), o substantivo *caedes, is* (matança, carnificina) ou expressões como *trunco per uulnera corpore* (mutilados e com feridas no corpo) e *plerique liberorum aut parentum mortes deflebant* (muitos choravam a morte dos filhos e pais) criam uma atmosfera tensa e violenta que, além de denegrir a imagem de Livíneo Regulo, que já no início nos é apresentado como um homem controverso e expulso do Senado, justifica sua condenação ao exílio.

A violência, em nossa opinião, foi enfatizada por Tácito tanto na maneira como organiza seu discurso, escolhendo termos que intensificam e dramatizam as mortes, assim como nas atitudes dos que participaram da rixa, pois estes carregavam pedras e espadas, postura que muitos estudiosos afirmam não ser comum entre os espectadores. Se, por um lado, há uma ênfase na violência, por outro, a punição também aparece com força em seu relato. O julgamento em Roma, a proibição dos espetáculos por dez anos, a dissolução dos *collegia* e a punição dos organizadores, acusados de incitar a desavença são aspectos que não passam despercebidos na narrativa de Tácito.

Esse conjunto de punições aplicado aos líderes da desavença e sua extensão a toda a comunidade, uma vez que os jogos ou encontros públicos (*eius modi coetu*) foram suspensos por um período, são os aspectos mais enfatizados pelos historiadores modernos. Muitos argumentam que, a partir desse relato de Tácito, é possível inferir que todos os combates teriam sido cancelados por dez anos e todos os *collegia* pompeianos dissolvidos. Moeller (1970) e Bomgardner (2002, p. 50-53), no entanto, questionam essa afirmação. Segundo esses dois pesquisadores, a epigrafia indica a ocorrência de espetáculos após o terremoto de 62 d.C. e, também, o apoio de alguns *collegia* aos candidatos a cargos políticos. Ambos contrapõem as inscrições ao relato de Tácito e enfatizam que a dissolução dos grupos seria parcial, somente daqueles julgados ilegais.

Se considerarmos essa possibilidade levantada por Moeller e Bomgardner em que nem todos os *collegia* foram dissolvidos, mas somente os que se estabeleceram contra a lei, abrimos espaço para uma outra interpretação das relações sociais em Pompéia, pois estaríamos admitindo a ocorrência de diferentes grupos, os reconhecidos e os ilegais, que se formavam e atuavam nos espaços públicos da cidade.

Nesse sentido, o relato de Tácito, ao expor as punições aplicadas aos infratores e causadores da briga, também traz elementos para uma reflexão

sobre os conflitos locais. A extinção de grupos ilegais (*Pompeiani collegiaque, quae contra leges instituerant*) e as injúrias lançadas – comuns, segundo Tácito, nas cidades pequenas (*oppidana lasciuia in uicem incessentes proba*) – expressam uma dimensão pouco explorada pelos estudiosos dos combates de gladiadores, isto é, como os prováveis conflitos locais poderiam se potencializar em um espaço público capaz de congregar uma grande quantidade de pessoas. A rixa entre os espectadores de um espetáculo de gladiadores em Pompéia seria, portanto, em nossa opinião, um exemplo de como identidades variadas podem se reorganizar e explodir em confrontos entre moradores de diferentes cidades sob o domínio romano.

No relato, Tácito aponta os moradores de Nucéria e Pompéia como os principais atuantes no confronto. Pesquisadores modernos sugerem que a desavença ocorrida durante o combate de gladiadores está relacionada à reorganização dos limites territoriais: o estabelecimento da nova colônia neroniana em Nucéria em 57 d.C. acabou por agravar uma situação tensa de longa data (CASTRÉN, 1983, p. 108-113).

Pompéia fazia parte de uma confederação junto com Nucéria, extinta por volta de 216 a.C., na qual os samnitas constituíam o grupo predominante. Em finais do século I a.C., após guerras e conflitos locais, Nucéria se encontrava restabelecida e lutou ao lado dos romanos quando estes tomaram, definitivamente, a região. De acordo com Pesando (2001), os distintos processos de formação da cidade de Pompéia desempenhariam um papel importante para a compreensão do conflito em questão, uma vez que os antigos habitantes de períodos anteriores à chegada dos romanos e os novos que vieram após a conquista circulavam pelas ruas de Pompéia com distintos interesses políticos e econômicos.

Esses diversos interesses políticos e econômicos que permeavam as relações entre os habitantes de Pompéia e Nucéria poderiam envolver as pessoas em diferentes medidas e os conflitos potencializados pelo encontro das torcidas que se dirigiram ao combate naquele ano de 59 d.C. Embora o estopim tenha sido a reunião para presenciar um espetáculo de gladiador, o texto de Tácito não deixa claro o local onde o confronto ocorreu, mas ressalta aspectos políticos de seu interesse, como, por exemplo, a degradação da figura de Levíneo.

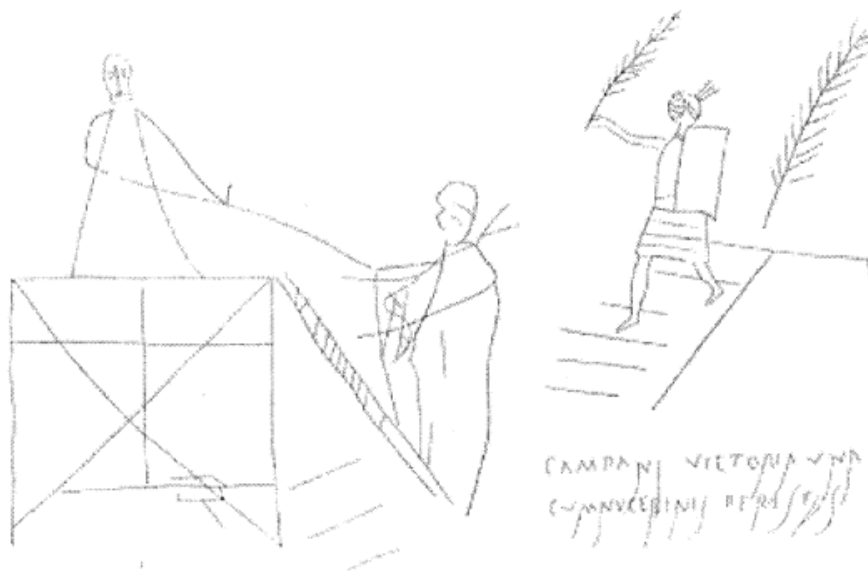
Se no relato de Tácito predomina a atuação de Levíneo e sua punição, as paredes de Pompéia nos apresentam outros elementos para pensarmos esse conflito.

GRAFITES PARIETAIS

Diferentemente das inscrições oficiais pintadas nas paredes para serem vistas à longa distância, como, por exemplo, os anúncios de espetáculos, os grafites eram pequenos e vistos de perto. Sulcados nas paredes com um estilete (em latim, *graphium*), os grafites produziam uma relação distinta com o público: eram pessoais e o leitor tinha de se aproximar da parede para poder enxergá-los.

Em geral eram escritos em ambientes fechados, embora muitos fossem encontrados nas paredes externas das casas pompeianas. Há praticamente um consenso entre os especialistas de que os autores desses grafites eram membros das camadas populares da cidade. Impulsivo, imediato e espontâneo, o grafite é um registro singular que marca um momento específico ou uma necessidade pessoal de deixar registrado uma insatisfação, uma piada ou uma declaração de amor, tornando-se, portanto, uma fonte de inestimável valor para o estudo dos anseios e paixões cotidianas de homens e mulheres que viveram ou passaram por Pompéia.⁴

A grande quantidade de grafites referentes aos combates de gladiadores é, em nossa opinião, um bom exemplo da atmosfera passional que acompanhava os *munera gladiatoria*. Entre tais grafites, observemos um em especial:



Grafite parietal sobre a rixa de torcedores em Pompéia – CIL, IV, 1293
(LANGNER, 2001; imagem n. 1138 de seu catálogo).

Esse grafite se encontra na parede externa da casa Dioscuri (reg. VI, ins. 9, 6) localizada na rua Mercúrio. Escavada entre 1828-1829 e conhecida pela riqueza de pinturas do IV estilo em seu interior,⁵ essa casa, que possui duas entradas e uma ampla fachada, se situa nas imediações do fórum de Pompéia, o que nos faz imaginar uma região com grande circulação de pessoas das mais variadas etnias e condições sociais. Com um grande muro revestido de estuco branco para imitar uma parede de bloco de mármore, característica das pinturas de época republicana, a parede externa da casa foi alvo dos “grafiteiros” romanos nessa movimentada região da cidade.

No caso do grafite em questão, de imediato percebemos que é composto por um conjunto de figuras e um texto em latim. A figura situada à esquerda representa a subida de um homem ao *podium* e à direita, acima da inscrição, um gladiador vestido com elmo e escudo segurando uma palma, símbolo do vencedor.⁶ Os dois desenhos são referências diretas a um momento específico dos combates de gladiadores: a premiação do vencedor. *Podium*, palma e a figura de gladiadores sobre uma inscrição que faz referência à derrota dos nucerinos. Observemos a inscrição:

Campani uictoria una
cum nucerinis peristis
(CIL, IV, 1293)⁷

[Campanos, em uma única vitória,
vocês pereceram com os nucerinos].

Segundo Moeller (1970, p. 88-90), o termo *campani* causou controvérsias entre os estudiosos. Há autores que consideram *campani* um grupo aristocrático *samnita* (antigos moradores de Pompéia), idéia questionável. Para o autor, o texto de Tácito é fundamental para rechaçar essa suposição. Analisando os termos empregados por Tácito, tais como *oppidana lasciuiia* ou *ualidore pompeianorum plebe*, Moeller afirma que os participantes do conflito seriam membros das camadas populares e descarta a participação de grupos aristocráticos. Segundo ele, os fãs dos combates ou do circo e teatro poderiam participar ativamente da vida política da cidade, até mesmo em momentos de conflitos como o de 59 d.C.

Em nossa opinião, o grafite sozinho não traz elementos suficientes para precisarmos quem seriam os campanos, mas, por outro lado, indica a percepção de diferentes grupos em conflito. Enquanto Tácito menciona uma luta entre pompeianos e nucerinos, o grafite, localizado perto de um local muito movimentado, traz o registro de alguém que julgou importante

ressaltar que, junto com os nucerinos, os campanos também saíram derrotados, destacando um novo elemento para o conflito. Ao aliarmos esse a um segundo grafite, encontrado no lado ocidental do *lupanar*, percebemos o posicionamento de outros grupos rivais:

Puteolanis feliciter omnibus nucherinis
felia et uncu(m) Pompeianis
Petecsanis
(CIL, IV, 2183)

[Para os puteolanos “boa sorte”,
para os nucerinos coisas boas e
gancho para os pompeianos e pitecusanos].

Esse grafite apresenta uma oposição entre dois grupos: puteolanos e nucerinos/pompeianos e pitecusanos. Para além disso, sua própria constituição merece uma análise mais detalhada. De acordo com as anotações do *CIL*, o grafite foi escrito em dois momentos: em primeiro lugar teria sido escrita a linha de “boa sorte” aos puteolanos e nucerinos e, depois, a parte seguinte da frase teria sido completada por outra pessoa, pois as letras são distintas. Nesse sentido, a expressão *et uncu(m) pompeianis petecsanis* teria sido acrescentada por um partidário dos primeiros. *Uncus* é um substantivo que pode significar não só qualquer tipo de gancho, mas também um em específico utilizado para arrastar cadáveres, o que indica um desejo de liquidar e humilhar os pompeianos e pitecusanos.

As desavenças entre os grupos podem ser encontradas em um outro grafite situado na estrada de Mercúrio. Em uma das paredes lê-se:

Nucerinis infelicia
Mentul...
(CIL, IV, 1329)

[Para os nucerinos desgraça
Caralho...].

Assim como o caso do grafite anterior, esse também é escrito em latim vulgar e em dois momentos. Em primeiro lugar aparece o desejo de desgraça e infelicidade aos nucerinos, uma provocação, um xingamento. Segundo Mommsen (*CIL*, IV), *mentul...* foi acrescentado por outra mão, posteriormente, o que nos faz pensar que um nucerino ou simpatizante da cidade usou o termo *mentula, ae* (falo, pênis) em um sentido apo-

tropaico, isto é, para afastar o azar que uma frase como aquela poderia representar.⁸

Tanto esse grafite como o do prostíbulo nos pareceram interessantes na medida em que apresentam uma dinâmica particular nesse tipo de escrita: nos dois casos, a ofensa ou saudação foi complementada por terceiros, indicando que esse tipo de comunicação fazia parte do cotidiano daqueles que passavam pelas ruas e edifícios de Pompéia. Mesmo que ambos não mencionem a rixa de torcedores, tais grafites são indícios de que as desavenças entre nucerinos, pompeianos e moradores de outras cidades vizinhas eram parte do dia-a-dia da cidade e de conhecimento da população local. Era sintomático, portanto, que tais provocações estivessem em locais de grande circulação de pessoas, em muros próximos ao fórum e num prostíbulo, bem distantes do anfiteatro onde se deu o espetáculo em que eclodiu o conflito armado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses grafites nos oferecem relatos particulares de alguns dos conflitos pompeianos e muito distintos do de Tácito. As questões locais emergem em detalhes, em uma linguagem mais popular, enquanto nos *Anais* são aglutinados pelo termo *oppidana lasciuia*. Por meio das fontes epigráficas, o anfiteatro e os gladiadores assumem um papel mais central, assim como as disputas locais: nucerinos, puteolanos, pompeianos, pitecusanos, campanos são mencionados em distintos ambientes da cidade, ampliando nossa noção dos grupos rivais que poderiam estar presentes na rixa. Assim, mais do que ilustrar o relato de Tácito, os grafites apresentam uma interação mais popular do confronto e não somente uma briga dirigida pelo ex-senador, como propõem os estudiosos que se restringem ao relato dos *Anais*.

Nesse sentido, é possível afirmar que os grafites são fontes que nos levam a perceber que os espectadores dos combates não eram passivos, mas formavam grupos que poderiam tomar diferentes partidos nas disputas. Além disso, tais fontes também indicam que as estruturas de segregação, como as entradas separadas para as camadas sociais dos anfiteatros, não impediram a reorganização das pessoas e a explosão do conflito latente. O exemplo de Pompéia, portanto, torna-se significativo, pois nos apresenta pessoas que, mesmo compartilhando um gosto em comum pelos combates, não tinham uma atitude apática como muitos modelos explicativos tradicionais previam: a diversidade de opiniões entre os espectadores emerge

com força nessas fontes e poderia, como em muitos outros casos, acirrar conflitos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Pedro Paulo Funari (Unicamp) pela orientação da tese de doutorado que originou este artigo. Sou grata também a Geza Alföldy (Universidade de Heidelberg), André Leonardo Chevitaese (UFRJ), Gabriele Cornelli (Unimep), Lourdes Feitosa (NEE – Unicamp), Ana Teresa Gonçalves (UFG), Priscila Nucci (pós-graduação IFCH/Unicamp), Nanci Vieira de Oliveira (UERJ), Jose Remesal, Paulo Vasconcelos (Unicamp), Gilvan Ventura (UFES) e Andrés Zarankin (CONICET – Argentina). Cabe destacar que a pesquisa foi financiada pela Fapesp de março de 2000 a fevereiro de 2004.

THE RIOT AT POMPEII'S AMPHITHEATER: TACITUS' DISCOURSE AND POPULAR GRAFFITI

ABSTRACT: This paper aims at discussing the riot that occurred at Pompeii's amphitheater in A.D. 59. To discuss this particular episode I shall focus in two different evidences: Tacitus' report in *Annals* and the popular graffiti. In the following pages, I propose some commentaries on the Latin evidences and I also suggest an analyses of the social and political context in which the riot took place.

KEY-WORDS: Graffiti, Tacitus, Pompeii, gladiators, amphitheater.

NOTAS

- 1 Sobre a segurança nos anfiteatros romanos durante os combates de gladiadores, cf. Scobie (1988) e Golvin (1988).
- 2 É importante destacar que há, ainda, uma pintura parietal que, originalmente, se situava na casa de Actius Anicetus (reg. I, ins. 3, 23) e, atualmente, encontra-se no Museu de Nápoles. Essa pintura também consiste em uma importante fonte para o estudo da rixa e optamos por tratá-la em uma outra ocasião, pois centraremos nosso olhar, neste artigo, nos documentos escritos e na sua tradução.
- 3 Texto latino extraído a partir da leitura dos originais da coleção Loeb e da publicação de espanhola: Tácito, *Annals* (1986); Tácito, *Anales* (1986).
- 4 De acordo com Funari (1989, p. 39), “o grafismo popular diferenciava-se, desde o início, pelo seu caráter coletivo: não se trata de refletir um mundo distante, como no interior das mansões, mas de retratar, nas paredes externas, a vida concreta, as paixões populares em sua imediaticidade”. Sobre a questão da imediaticidade do grafite cf. também Barbet (1987).
- 5 Para descrição minuciosa da casa, cf. Baldassare (1993).

- 6 Langner (2001, p. 49) afirma que, além da palma, a coroa também é atributo do vencedor.
- 7 Deste momento em diante, citaremos os grafites de acordo com a numeração do *Corpus Inscriptionum Latinarum* (CIL). Lembramos que o volume IV é sobre Pompéia.
- 8 O uso da figura do falo ou de expressões que se remetem a ele, para espantar mau olhado, é bastante comum nos grafites romanos. Sobre esta questão cf. Funari (1995, p. 9-17) e Funari (1992, p. 117-137).

FONTES ESCRITAS

TÁCITO, *Annals*. Tradução de J. Jackson. Londres: Harvard University Press, 1986. (Coleção Loeb).

TÁCITO, *Anales*. Tradução de Carlos Coloma. Barcelona: Editora Juvenil, 1986. (Obras Maestras).

FONTES EPIGRÁFICAS

Corpus Inscriptionum Latinarum, v. IV (inscrições encontradas em Pompéia). Berlim: Akademie der Wissenschaften, 1871.

REFERÊNCIAS

BALDASSARE, I. et al. *Pompei – Pitture e mosaici*: Enciclopedia dell'arte antica classica e orientale. Roma, 1993.

BARBET, A. La representation des gladiateurs dans la peinture murale romaine. *Les Gladiateurs: Lattes*, Toulouse, p. 69-74, 1987.

BOMGARDNER, D. L. *The story of the Roman amphitheater*. London: Routledge, 2002.

CASTRÉN, P. *Ordo populesque pompeianus: polity and society in Roman Pompeii*. Roma: Bardi Editore, 1983.

FUNARI, P. P. A. Apotropaic Symbolism at Pompeii: a Reading of the Graffiti Evidence. *Revista de História*, FFLCH-USP, v. 132, p. 9-17, 1995.

_____. Caricatura gráfica e o ethos popular em Pompéia. *Clássica*, suplemento 1, Belo Horizonte, p. 117-137, 1992.

_____. *Cultura popular na Antiguidade Clássica*, São Paulo: Contexto, 1989.

GOLVIN, J-C. *L'Amphitheatre Romain: Essai seu la théorisation de sa forme et de ses fonctions*. Paris: Publications du Centre Pierre Paris, 1988.

LANGNER, M. *Antike Graffitizeichnungen: Motive, Gestaltung und Bedeutung*. Wiesbaden: Ludwig Reichter Verlag, 2001.

MOELLER, W. O. The riot of AD 59 at Pompeii. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, v. 19, p. 84-95. 1970.

PESANDO, F. Gladiatori a Pompei. In: REGINA, A. (Org.). *Sangue e arena*. Milano: Electa, 2001, p. 175-197.

SCOBIE, A. Spectator security and comfort at gladiatorial games. *Nikephoros*, v. 1, n. 7, p. 191-243, 1988.